



FÉRTEIS DANÇAS DE RECÔNCAVO

**Déa S Melo
Setembro/2012*

*“Pra falar como é o Coco eu nem sei como explicar,
porque pra explicar, só eu cantando”*

A voz de D.Lenita Lina, Mestreira do Coco de Roda de Novo Quilombo/Paraíba, numa roda de Mestres, revela e sugere uma visão paradigmática da função política, comunitária, pedagógica e comunicativa das artes e linguagens da cultura tradicional no Brasil e no ocidente. Não é de hoje que cantores, dançarinos, atores e artistas diversos têm competência para reunir de uma só vez pessoas em torno de temas como cultura, educação, meio ambiente; vida pública e íntima, por meio das linguagens humanas/artísticas. Desde a Grécia antiga já era assim.

Dona Lenita e outros mestres com seus grupos de cultura de raiz, como o Carimbó do Pará, o Jongo do Sudeste e o Samba de Roda da Bahia, mostraram, ao vivo e a cores a potencialidade das narrativas identitárias do povo brasileiro de matriz africana, durante a II Mostra do Samba de Roda do Recôncavo Bahiano. A Mostra propôs uma corajosa estética de participação viva e ativa, desenhando uma jornada que iniciou em Salvador/BA e seguiu por Santo Amaro e Maragogipe encerrando em Iará, entre os dias 16 e 19 de Agosto passado. Uma realização da Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia – ASSEBA, através do Prêmio Funarte – Procultura de apoio a Festivais e Mostras de Música.



Mestra Lenita Lina

A arquitetura de festa popular com tambores diversos, danças, cantos e poesia, propiciou comunicação social glocal (local e global), oferecendo informação, visibilidade, sociabilidade, diálogo, partilha de experiências, vivências, reflexão e interação entre todos e todas – organizadores, produtores, grupos de cultura, mediadores culturais, acadêmicos e participantes, imprensa e mídias interessadas; já que em festas como essa, a comunicação flui sem barreiras, pois emissor e receptor pode ser qualquer pessoa.

A Mostra, merece ser mostrada – com trocadilho e tudo...O que faz com que um país como o Brasil com tão vasto patrimônio biológico e cultural, siga clamando por soberania alimentar, por defesa dos bens comuns e por justiça social e não enxerga justamente eles, os povos originários e tradicionais, como estratégia inteligente para satisfação dessas necessidades com criatividade?



Mestre Marinho

As sábias vozes de mestras e mestres sempre entenderam e continuam explicando como é que trata essa disfunção, talvez uma “síndrome de cegueira histórica”. E explicam de um jeito fácil de entender e de tratar:

*“Dança, dança morena / Rebola pra lá e pra cá/
Levanta a poeira do chão/
Roda tua saia no ar” (Carimbó do Mestre
Marinho de Marudá/PA)*

“Isso é coisa de artista”, podem retrucar os mais racionais. Mas, o fato é que até alguns e honrosos Mestres da academia, concordam. É o

caso do cientista do trabalho italiano, Domenico Di Masi, autor do conhecido livro, *O Ócio Criativo: “O Brasil deveria se vangloriar de ter uma sociedade miscigenada, da sua cultura, e não das enormes coisas que constrói. Ou das suas empresas”*.

Afinal por quê insistir em grandes projetos, grandes empresas, altos índices de crescimento e poder de consumo, se esses conflitos de hoje são praticamente os mesmos das sociedades rurais. Definitivamente são metas que não levam em consideração a felicidade humana, conclui Di Masi. Trabalhar cada vez mais e ter cada vez menos tempo para si e para o outro é um modelo em total crise. E mestre Pedro de Assis, conhecido como “Papo Fundo” do Carimbó do Tio Milico (Fortalezinha/PA), faz juz a alcunha e “dá o papo” para tratar esse mal, enversando:



Mestre Papo Fundo

*“Limoeiro abaixa a rama/
Que eu quero apanhar limão/
Eu quero tirar uma nódoa/ Que tenho no coração”*

Não há espaço para expansão do criativo; sem nutrição das subjetividades humanas; sem administrar e esvaziar as “caixas de entrada” das demandas exteriores - do mercado, da super-produção, da pressa, da sobrevivência. Afinal, a informatização no mundo do trabalho, deveria estar à serviço de se ganhar



mais tempo para viver – cuidado com a alimentação, com os afetos, com a ativação dos sentidos, com as teceluras colaborativas; enfim com as infinitas possibilidades de sinergia consigo, com o outro e com idéias; em vez de atender tão somente às limitantes demandas do sobreviver.

Encontros como o do Recôncavo bahiano, podem proporcionar esta liberdade. O contato orgânico com as artes, com a cultura popular e tradicional, com a natureza, vinculam pessoas, sociedades e povos as suas raízes - à ancestralidade. É lá que habitam princípios de uma liderança circular – onde poder é estar-com e não estar-sobre; onde diferença é diversidade e não separatividade; onde trabalho não exclui poesia, nem destrói a natureza; onde beleza, espiritualidade e mistério coexistem naturalmente; onde transformação social inclui envolvimento com a sabedoria intuitiva; onde imaginação é criatividade à flor da pele; onde espiritualidade não é necessariamente religião, mas religião com a fonte da vida.



O conceito modifica e ressignifica a relação com os mestres e mestras, arteducadores que são nessas tradições. Eles deixam de ser “animadores” da festa, para serem “A” festa; comunicadores originais com linguagens próprias, emissores de informação, conhecimento e experiência, pensadores e pensadoras que agem e interagem tanto dentro de suas comunidades como fora delas, por meio de instrumentos musicais, ritmos e ciclos da natureza, coloridas saias que dão volta ao mundo; histórias orais, lendas e mitos; brincadeiras e jogos infantis; alimentos naturais, curas pela natureza; alterando e ampliando sentidos e significados para uma ação política, social, ética e ecológica em âmbito local, continental e global.

Na profundidade e fertilidade deste recôncavo, vivenciamos outra mostra de um espaço-tempo transformador, onde raízes (cultura tradicional) e antenas (ciência acadêmica) entraram em diálogo – a universidade, mais precisamente a UNEB – Universidade Estadual da Bahia.



Durante três dias aconteceu um Curso de Extensão sobre *Comunic-Ação Criativa – Narrativa, Vivência e Imagem com Danças Circulares Sagradas da Amazônia*, com um grupo bastante eclético de acadêmicos, artistas, terapeutas, e dançantes da roda e da vida. O Nordeste brasileiro propondo um modelo paradigmático de educação, a partir da ousadia das professoras Maria Alba de Melo e Katharina Doring da UNEB, que almejam uma especialização em Danças Circulares Sagradas dentro do curso de

Pedagogia.

Em apenas 20 horas de trabalho, entre quatro paredes de uma sala de aula formal, a verdadeira Amazônia é essencialmente apresentada aos nordestinos e nórdicos (tínhamos uma alemã no grupo) que abertos à experiência, compreendem com suas múltiplas inteligências quem é e qual o verdadeiro patrimônio que esse povo tem a compartilhar com o Brasil e com o mundo.



As matrizes indígena, negra e europeia presentes em danças circulares sagradas; cantos; rezas indígenas; cantigas de roda; elementos de rituais de iniciação feminina e masculina; cheiros e teceluras da floresta; símbolos do imaginário e vozes do cancionário amazônico-brasileiro, altamente comunicativas, são as matérias dialógicas do curso. Linguagens que

ativam conexões entre neurônios humanos para o criativo, “caixas de “lixéiras” ampliando as cerebrais e habilidades, talentos coletivos tão quanto



os cem bilhões de e assim abrem espaço pois esvaziam as entrada” e as mentais, capacidades revelando inteligências, individuais e genuínos competentes.



Mestre Bule-Bule

É experimentar para crer. Nestes recôncavos, enseadas ou cavernas onde aparentemente nada acontece, se encontra o espaço-tempo fértil; a matéria-prima básica para qualquer projeto de crescimento fecundo - a felicidade. Cantemos em voz alta com o mestre bahiano, Bule-Bule do Samba de Roda:

*“Sambadores, proteja essa arte bela/
Faça um congresso pra ela/
Não deixa o samba parar/
Ele morrendo seca a fonte dos conjuntos;
se acaba a mãe dos assuntos da cultura popular”*

Mais do que políticas e grandes projetos, precisamos visitar

constantemente e manter viva em cada um, em cada uma de nós, a inesgotável fonte criativa capaz de gerar e sustentar projetos para as emergências de uma nação, que necessita sobretudo de:

*Identidade, auto-estima e
consciência -
saber*

junto!



Fotos: Déa S Melo e Andrea Magnoni
Foto Bule-Bule: Daniele Rodrigues

.....
*Comunicadora Social; Jornalista; Arteducadora; participante da II Mostra do Samba de Roda no Seminário de Maragogipe: “Produção Cultural com Culturas Populares” e dançante no Grupo de Carimbó do Tio Milico e Mestre Pedro de Assis (Papo Fundo) de Fortalezinha- Ilha de Maiandeuá/PA, que representou o Carimbó na Mostra. Ministra o curso *Comunic-Ação Criativa – Narrativa, Vivência e Imagem com Danças Circulares Sagradas da Amazônia*.
(www.comunic-acaocriativa.blogspot.com)